

INAUGURAÇÃO DO “THEATRO CLUB” DO GRÊMIO DE INSTRUÇÃO E RECREIO (continuação)



Á uma hora, tinha eu o jornal prompto.

O comboio partia á 1,40. Tinha apenas o tempo de almoçar.

O dia começara bem por um passeio a pé da Pampilhosa para Coimbra, por uma manhã fresca.

O sol brincava com o nevoeiro, ora deixando-se vencer e desaparecendo encoberto por elle, ora dominando-o e envolvendo-o num clarão de ouro pálido, alegre como um riso de creança.

Na estrada só eu e os madrugadores que iam para Coimbra, ao mercado, e me saúdam á antiga com um — Salve -o Deus, senhor! —, mais enternecido e amavel que o — Viva! — desconfiado que eu estou habituado a ouvir á volta de Coimbra.

Vinha fazendo a minha chronica da inauguração do theatro na Pampilhosa, e errei três vezes o caminho, sem perder a alegria por me sentir envolvido na atmospherá húmida e fresca da manhã.

A alegria de andar sósinho, sem pensar em nada ...

Levei pouco mais de duas horas.

Trabalhei sem descansar e á uma tinha o jornal feito.

Tudo isto me lembrava enquanto ia almoçando na vasta sala de jantar do Hotel Avenida.

O programma do dia estava feito: tourada na Figueira, a ver a despedida do Fuentes; jantar no Casino Peninsular; metter-me no comboio da Beira Alta para ir á Pampilhosa á segunda récita do theatro e voltar para Coimbra no comboio-correio das 12 e 12.

O creado hespanhol que me serve, acha razão a tudo o que eu digo, e eu vou fallando.

Pergunta-me como quero os ovos, e eu respondo-lhe que não gosto de ovos.

E elle cerimonioso para mim, num grande grito de patriotismo :

— Tem V. Ex a muita razão. Em Portugal não prestam. Não ha ovos como os hespanhoes.

— Pois, meu rapaz, dos gallos não é. Provavelmente é das gallinhas...

Fica espantado a olhar para mim e eu com vontade de rir daquelle espanto e muito triste por não haver ninguém naquella sala deserta para ouvir...

Mas não tem duvida; não ha de ficar por contar.

— O senhor doutor, perde o comboio!

Bebo o ultimo golo de café, atiro o charuto, que se apaga com um suspiro dentro da chavena, e vou a correr para a estação.

Á porta do hotel encontro um aprendiz da tipographia, que me estende umas provas para eu rever.

— Agora! Agora vou para o comboio. Revejam lá, vocês.

— Mas leve-as o sr. dr. e reveja- as pelo caminho.

O rapaz tem razão : eu ordinariamente revejo as provas para elles as não emendarem. Rever para mim é uma mania innocente.

Este aprendiz promette vir a ser um excellente official.

Não o desgostemos.

— Dá cá!

No comboio leio os jornais, e começo numa somnolencia que o ar fresco de Lares não consegue afastar.

Desperto na Figueira.

E começo a correr.

A correr para o *americano*, a correr para a praça.

Chego a uma bilheteira.

— O bilhete da *Resistencia*?

— Os bilhetes dos jornaes são na bilheteira ao lado.

Vou, a correr, de mau humor, para a outra bilheteira.

Porque mudariam elles?!

— E' aqui que se dão os bilhetes dos jornaes?

— Sim, senhor.

— O da *Resistencia*?

— V. Ex. não traz o bilhete da redacção?

— Não! Mas deixo um bilhete meu, ou escreva o meu nome ahi, como já tenho feito.

Não pode ser eu tenho

— O sr. não me conhece? Não sabe que a *Resistencia*?...

— Sein um bilhete com o carimbo.

— Bem! Dê-me um bilhete de sombra.

— Sombra-sol? É melhor.

— Não.

— Vae então sombra sol?

— Não! Sombra sombra!...

E lá vou eu para a praça.

O mar está triste e frio; o horizonte parece-me o dos discursos parlamentares da opposição — cheio de pontos negros...

— Muito boa tarde, sr. dr !

— Viva! Viva! Outra vez por cá?!

— Ó *aficionado!* grita ironico o Martho.

E eu passo, sem dizer palavra a ninguém, sem um raio de alegria nos lábios, triste, cheio de sombra-sombra.

Na. praça pouco animada, um cavalleiro de Cabello pigarso, barba toda e farta, caracola sem que o toiro lhe dê sorte.

Vae-se o cavalleiro.

Volta segundo toiro que os bandarilheiros não conseguem bandarilhar, e os forcados não conseguem pegar.

Fuentes sentado, ao pé da trincheira, tem um ar tão aborrecido como o meu, muito sombra-sombra.

Chega-lhe o seu boi, anima-se e depois de alguns ferros magistraes, declara que não pôde fazer mais nada com aquelle boi.

É o costume das touradas portuguezas: quando os bois são bons, não prestam os toureiros; quando os bois são maus, são os toureiros bons.

Para mim tenho tourada de mais.

Saio.

Ao abrirem-me a porta para sair da praça perguntam-me se quero voltar, e eu respondo alto com um

— Deus te livre!

terrível, ironico, vingativo, cheio de sombra-sombra.

Cá fóra está tudo mais alegre.

Fujo dos carros que querem levar- me, e desço a correr para a rua.

Encontro uma mulher que, ao encarar comigo, diz para outra com quem vae.

— Vem por cá muita vez. Já o conheço ao longe!

E eu olho enternecido para aquella mulher com vontade de arranjar-lhe um lugar de bilheteira na praça dos touros.

Oh! Aquella sombra-sombra.

Vá que não vá! A tourada foi bem peor.

Vou cortando por algumas ruas transversaes para evitar a elegancia da rua dos Casinos e entro no Peninsular.

O creado affirma que eu tenho tempo para jantar. Peço o horário dos comboios e verifico que sim.

Chega o Luiz Gama, abraços.

E começamos numa chilreada, de meza por meza, em voz alta, com um successo que parece o casino o parlamento, quando o Luiz Gama fala.

Desta vez o successo é um pouco meu, que tenho muitíssima mais graça do que o Makavenko, como alias já reconheceu o proprio sr. José de Alpoim numa das suas correspondências do *Janeiro*.

O relógio continua a andar, e cada vez mais depressa.

Abraço o Luiz Gama que enternecido diz que nunca esquecerá os favores que me deve.

Eu não me lembro bem, mas tenho logo alli a ideia de lhe mandar a *Resistencia* para o experimentar (1).

Saio a correr.

Nas ruas anda mais gente.

De repente ouço:

— Quer engraxar, sr. doutor?

Cahi na elegancia da rua dos Casinos.

Era inevitável!...

Á porta da carruagem do caminho de ferro da Beira Alta, em que entro, encontro o dr. Lopes de Oliveira a quem abraço.

Parte o comboio e eu tento cavaco com os companheiros de viagem.

Logo ás primeiras phrases vejo que se quizer conversar, tenho de ir a fallar só até á Pampilhosa.

Que falta que me faz a alegria do Luiz Gama, e como elle me lembrou a mocidade antiga de Coimbra alegre e sem cuidados, os bazares da Philantropica, as recitas do theatro académico...

A noite vem de encontro a nós e cobre a terra de negro.

O ceu, em que brilham suavemente as estrellas, é de um azul escuro, dôce ao olhar como velludo.

Adormeço...

Ao chegar á Pampilhosa, fui logo para o theatro.

Levavam uma peça revolucionaria e eu desejava vê-la.

Subiu o panno, começou a peça, e eu não entendo nada.

Era o caso que Carlos de Oliveira fazia de um tal Frederico que abraçava e beijava as creadas em casa, e namorava e dizia-se solteiro na rua.

O marido da creada dizia ser o verdadeiro dono da casa.

Eu não entendia; mas não me admirava; porque ha muitas coisas revolucionarias que eu não entendo.

Seria aquillo o amôr livre, e o grito de revolta dos servos?

Perguntei. Disseram-me que não conheciam a peça.

Afinal venho a saber que o creado se diz patrão; porque este se servia do nome d'elle para receber as cartas de uma senhora, a quem se disse solteiro, e que por acaso o encontra ao ir visitar sua mulher.

Felizmente elle pode fazer passar um amigo por o marido da mulher, e aqui começa uma embrulhada que Cardoso, a quem se metteu na cabeça ser —o Magro —d'aquella casa, mais embrulha ainda.

Acaba o acto e corro a abraçar o Carlos de Oliveira, que me explica então que a peça é uma comedia, e se chama a *Casa de doidos*. A peça revolucionaria irá no fim.

A actriz Maria Pia senta-se a uma meza a ver um numero velho do *Lerire* e trauteia a musica que começa tocando a orchestra

Aproxima-se Elvira Costa e pergunta que musica é aquella, que é bonita.

Maria Pia responde que a *Cavallaria Rusticana*, e continua a trautear embevecida, enquanto eu olho admirado por aquella creatura feliz que nunca ouviu a *Cavallaria Rusticana*.

Oh! Como eu a invejo!

Continua a embrulhar-se a peça e eu comprehendo que a loucura é contagiosa e desvio a attenção da *Casa de doidos* para a sala.

Ha nos camarotes muitas senhoras, predominando as toilettes brancas
Nas cadeiras e na geral, o mesmo publico da vespera.

Nos intervallos conversa-se da iniciativa da sociedade *Instrucção e Recreio*, creando aquella casa, que poderá ser também gabinete de leitura ou club, e que era uma necessidade na Pampilhosa em que o viajante se encontra á noite sem um sitio para onde ir passar as horas lentas da espera dos comboios.

Em França são vulgares estabelecimentos assim, que servem ao mesmo tempo de theatro, salas de festins, assembleias populares, salas de reunião.

Em Portugal, onde escasseia a iniciativa, a obra d'esta sociedade é para admirar e louvar.

Sobe o panno para a peça revolucionaria.

O comboio ainda não chegou, dizem- nos que ainda temos tempo.

A historia é esta: um velho descobriu um explosivo terrivel que o governo quer comprar para forçar um desfiladeiro em que se metteram uns operários em greve, e que elle vende para assim assegurar a fortuna e o futuro da filha.

Ora dá-se o caso de que a filha se apaixonou por o Carlos de Oliveira, o que aliás já não é a primeira vez que acontece, e este é pelos grévistas.

Chega o representante da auctoridade, um velhote alto, empertigado, figura suspeita, de varino, e com um revolver que atira sôbre a meza.

Porque virá elle de varino, um varino tão curto, que não é d'elle?

Quem lhe emprestaria o varino?

Tudo isto começa a intrigar-me.

O revolver também não é da ordenança.

Quem lhe emprestaria o revolver?

E perco a attenção?

Porque não vem o hornem-com o seu capote á militar?

Sim! Quem lhe deu o varino e o revolver?...

Sinto vontade de gritar.

Nisto ouço apitar o comboio.

Levantamo-nos e vamos saindo lentamente; eu de cara voltada para traz a ouvir ainda.

Nisto, o do varino diz que a cruz e o altar são a alliança sagrada que assegura a monarchia...

Faz-se a luz.

Aquelle varino, aquelle revolver, eram do *Portugal* (2).

E o *Portugal* a fallar dos outros ...

No comboio encontro os filhos do Eduardo Vieira que veem de Luso.

Vae a carruagem toda cheia de gente de Coimbra, Apenas deante de mim vae um estranho que se vae sumindo e adelgaçando, á medida que nós com as exigencias do cavaco exuberante alargamos os gestos.

E assim chegámos a Coimbra.

— Ó doutor, não vá ahi; venha no *americano*...

— Não. Vou no comboiosinho do Ramal.

— Olhe que no *americano* adeanta-se muito tempo.

— Pois é por isso mesmo! — Não gosta de *adeantamentos*! Tem graça...

— Ó homem de Deus, pois você imagina-me capaz de dizer uma coisa assim, tão nova?!

— Então?...

— Não. É por não gostar de adeantar o tempo.

A semsaboria chega sempre depressa. Lembra-me isto sempre, quando venho de me divertir.

— Ah! Então é philosophia!...

— Não é! Não se vingue, seu alma do Diabo! É o somno que começa a fazer dizer-me estes lindos pensamentos.

— Não é! Não se vingue, seu alma do Diabo! Já tudo comigo para dentro do comboio, ou ha aqui muita morte!...

Entram a rir, e la vimos todos até á cidade.

Vamos andando juntos. Ao chegar á igreja de S. Thiago, fazem-me dizer o meu decimo nono projecto de restauração, que felizmente elles esquecerão amanhã, como os outros que para malar curiosidades, fáceis de satisfazer, tenho ido imaginando ao sabor das demolições e de que nem eu mesmo já me não lembro

Vão-se despedindo.

Á Sé Velha, vae-se o Eduardo Ferraz, o ultimo companheiro que me restava, e eu vou sósinho até casa.

...Não ha nada mais alegre que o meu quarto caiado; nem frescura do orvalho comparável á dos meus lençoes de linho.

.....

— Uma, duas. tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze...Doze!

E dia claro . . . É meio dia!

La perdi eu já hoje dois comboios para Ceira!

T.C.

(1) Mandou-se-lhe, e assignou por um anno. É um cavalheiro.

(2) Somos obrigados a confessar que nos disseram que o varino servirá por não haver capote militar e a peça marcar frio. Não acreditamos. Disse muita coisa!